



## A RECEPÇÃO EM TORNO DO ROMANCE FOLHETIM HUMORÍSTICO *A FAMÍLIA AGULHA* DE LUÍS GUIMARÃES JUNIOR NO JORNAL *DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO* (1870)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3868

Gabriela Martimiano Crepald Siqueira, UEL

### Resumo

Em suas várias linguagens, os periódicos franceses do século XIX nos apresentaram com o inovador folhetim, o qual se inseria como uma narrativa literária localizada no rodapé na primeira página do jornal. Aqui iremos dar atenção ao folhetim romanesco. Os romances folhetins, com sua particularidade de publicações em capitulações seriadas, ficaram tão populares com seus “continua” ao final de cada capítulo, que foram usados até mesmo como meio de aumentar as vendas dos jornais no final do século XIX. Dentre tantos jornalistas, escritores, pesquisadores e estudiosos que buscaram divulgar suas obras através dos folhetins, iremos dar destaque de Luís Guimarães Junior intitulado *A família Agulha* de 1870, publicado quase diariamente por cerca de quatro meses no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, um dos periódicos mais antigos e importantes da época. Através do acompanhamento da publicação da obra e, simultaneamente de publicações sobre esta, este trabalho pretende identificar a recepção que este romance folhетinesco recebeu, dando atenção ao universo em que ele se inseria e, conseqüentemente, o autor, buscando compreender também a recepção do conjunto geral das obras de Guimarães Junior. Além disso, o autor pode ter se encaixado como mediador cultural, mesmo que de forma inconsciente, uma vez que trabalhou tanto no Brasil, como em Portugal, Roma, Venezuela entre outros lugares, levando e trazendo resquícios culturais diversos e, muitas vezes, refletindo-os em suas obras.

### Palavras Chave:

romance folhetim; Luís Guimarães Junior; *A família Agulha*; recepção.

## Introdução/Justificativa

Em 1808 temos a vinda da família real portuguesa ao Brasil e, com ela, a chegada da imprensa. Esta, por sua vez, é de extrema importância, já que traz consigo muito da história de nosso país em âmbitos diversos, tanto sobre quem escreve, quem publica, o conteúdo da publicação, quem a consome e a recepciona. Dentre as inúmeras vertentes e particularidades do jornal, nos deparamos com uma novidade, os folhetins.

O folhetim surge na França no século XIX e se insere como uma narrativa literária localizada no rodapé na primeira página do jornal. Diversos autores renomados fizeram uso do folhetim para publicar seus romances ou mesmo outros gêneros literários – antes de serem editados em livros – como Machado de Assis e José de Alencar que, por sua vez, tem uma de suas obras mais famosas, *O guarani*, publicada no formato de folhetim no mesmo jornal que Guimarães Junior – *Diário do Rio de Janeiro* – publicou seu romance *A família agulha* (1870)<sup>1</sup>

O folhetim é, portanto, aquele

Espaço vazio destinado ao entretenimento [...] nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõe charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; criticam as últimas peças, os livros recém-saídos – o esboço do caderno B, em suma (MEYER, 1996, p.57).

O papel da imprensa sempre esteve imbricado no desenrolar político, econômico, social e cultural da sociedade. Periódicos, publicações, autores, e aqui dando destaque, os folhetins fazem parte da construção da história do país, da construção de memórias que, muitas vezes, são esquecidas e,

consequentemente, perdidas no tempo.

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. (MARTINS; LUCA, 2008, p.08).

Não somente as obras e os periódicos são importantes, como também a recepção que as mesmas recebem – grande foco deste trabalho. Através de notas e citações, pretende-se buscar uma nova perspectiva para o tipo de recepção que a obra aqui em destaque, *A família agulha*, de Guimarães Junior, recebeu, uma vez que não é apenas seu valor literário ou narrativo que definirá sua importância. Assim como Robert Hans Jausss deixa claro em sua obra *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994)

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito reduzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (JAUSS, 1994, p. 07).

O jornal onde *A família agulha* foi publicado – *Diário do Rio de Janeiro* – foi um dos primeiros a circular no Brasil da então capital da época, Rio de Janeiro, no século XIX, iniciando-se no dia primeiro de julho de 1821 e se tornando um dos primeiros periódicos a publicar impressos diariamente. O autor da obra, Luís Caetano Guimarães Junior nasceu no Rio de Janeiro em 17 de fevereiro de 1845<sup>2</sup> e

<sup>1</sup> Ano de publicação da obra como folhetim, antes de ser reeditada para a formatação de livro.

<sup>2</sup> Informação retirada do livro *Luiz Guimarães Junior – ensaio biobibliográfico* de Iracema Guimarães Vilela, 1934.

veio a falecer em 17 de maio de 1898 na região de Lisboa, Portugal<sup>3</sup>. Foi diplomata, romancista, autor, tradutor e poeta, dedicou muito de sua vida ao jornalismo com as publicações de seus poemas e de seus folhetins, além de ter sido eleito para compor o grupo de membros fundadores da *Academia Brasileira de Letras*, tendo Pedro Luís, poeta, como patrono da mesma.

## Objetivos

O objetivo deste trabalho consiste em trazer à tona a recepção que a obra selecionada de Guimarães Junior obteve através da busca por notas e citações sobre a mesma nos jornais ou livros onde foram publicadas e reeditadas, o que poderá nos mostrar como se inseria a circulação da mesma, em quais locais, o que estava sendo dito sobre ela e, conseqüentemente, sobre o autor que há muito foi esquecido, mas que na verdade contribuiu imensamente para a imprensa e a literatura, seja no Brasil, seja no exterior, com seus contos, poesias, poemas, folhetins, prosas, traduções de outras obras e construções de biografias de terceiros.

Além disso, através da análise da recepção da obra, pretende-se encaixar o autor como mediador cultural, uma vez que atuou como escritor, biógrafo e poeta no Brasil, diplomático no Chile, adido da legação do Brasil em Londres, torna-se em seguida secretário da legação do Brasil em Roma, foi também secretário da legação em Lisboa, ministro plenipotenciário na Venezuela tendo como seu último cargo o de ministro aposentado em Lisboa<sup>4</sup>; levando e trazendo resquícios culturais diversos e, muitas vezes, refletindo-os em suas obras.

## Resultados

Robert Jauss destaca que a importância de se dedicar aos estudos da história da literatura não está ligada somente ao que determinada obra pode nos dizer da sua temporalidade e realidade social – teoria marxista –, ou de suas características artísticas literárias – teoria formalista –, mas sim daquele que irá consumi-la, ou seja, o leitor. É por isso que este trabalho consiste em analisar a recepção em torno da obra *A família agulha*, reeditado posteriormente pela livraria Garnier<sup>5</sup>.

Em geral os folhetins usavam uma linguagem fácil para os leitores se divertirem e passarem o tempo. Porém *A família Agulha* vai muito além do romance humorístico. Direcionada para a classe média – isso devido à acessibilidade que se tinha para se comprar os periódicos, uma vez que não eram caros –, *A família agulha* conta com um narrador que conversa com o leitor, questionando seus gostos, ora se direcionando a figuras masculinas, ora femininas.

Além disso, também é um narrador que conversa com os próprios personagens, que são quase caricatos, o que torna possível compreender todo o contexto sócio histórico cultural da obra. Nessas “conversas” – os personagens não interagem com o narrador – o vemos ironizando as hipocrisias cometidas pelos indivíduos, seus preconceitos, criticando a escrita ou a fala de alguns deles, denunciando assim, por exemplo, como algumas pessoas conseguiam cargos importantes não pela sua competência, mas sim por meios oportunistas, pelo coleguismo.

---

<sup>3</sup> Informação retirada das notas do professor Carlos Alberto Iannone no livro *Contos sem pretensão* de Luís Guimarães Junior.

<sup>4</sup> Informações retiradas do tópico intitulado *Cronologia* no livro *Contos sem pretensão* de Guimarães Junior.

<sup>5</sup> A Livraria Garnier foi uma das mais importantes livrarias da época, funcionando de 1844 a 1934, localizada no Rio de Janeiro.

Na obra, Guimarães Junior traz em seu romance folhetim uma narrativa diferente, em que a escrita é feita em ziguezague, algo aparentemente inovador, porém não foi a todo mundo que esta peculiaridade agradou. Podemos ver que por um lado, a recepção foi negativa, onde diversos autores, como Sílvio Romero, acreditavam que as obras de Guimarães não eram mais boas o suficiente, uma vez que ele viveu muito tempo fora do Brasil e agora suas obras teriam o caráter do estrangeirismo, sendo, portanto, menos nacionalista.

Acho que em sua fase brasileira, entre 1862 e 72, o poeta foi mais espontâneo, mais sincero, sua arte mais sentida, mais humana; então o contista e o folhetinista era mais despreocupado, mais vivaz, mais lúcido do que depois pareceu ser. [...] a poesia é uma dessas intuições e efusões íntimas que só têm vida quando partem do coração, bem acalentado e aquecido pelo bafejo da pátria. (ROMERO, 1987, p.11).

A crítica de Romero neste caso foi à obra *Sonetos e rimas* de Guimarães Junior, mas já antes do período de publicação de *A família Agulha* Romero via no autor alguma mudança que não lhe agradou. Sússekind (1987) faz uma citação na introdução da obra de Guimarães (2ed.), onde Romero teria dito que “Ele [Guimarães Junior] é quase um estrangeiro para nós”.

Devido a esse tipo de recepção que alguns tiveram, o autor parece ter se sentido na obrigação de se justificar, fazendo-o em outra obra sua denominada *Curvas e Zig-zag, caprichos humorísticos* de 1872, também editado pela Garnier assim como *A família agulha*. Guimarães Junior deixa uma explicação logo na primeira página.

Leitor amigo! Se estás habituado a caminhar unicamente em linha reta na literatura, prefere a este banal e inocente livro o Tratado dos Encyclopedistas e as Decadas de

João de Barros, por exemplo. [...] Isto é livro para quem vai pela vida em curvas e zig-zags. São páginas escriptas na primeira ocasião, e que o primeiro vento desfolhará, com a mesma rapidez com que espalha os lyrios das ilusões e do amor!... (JUNIOR, 1872, p.01).

Por outro lado, essa não foi o único tipo de recepção que a obra recebeu. Além do público alvo – pessoas de classe média, como citado anteriormente – que se divertiam com os capítulos da obra, diversos outros críticos aprovaram a peculiaridade da narrativa da mesma, podemos ver isso através das palavras de Flora Sússekind

As possíveis definições do folhetim, mal se esboçam, são substituídas por outras. Como se Luís Guimarães Junior o definisse indiretamente pelos seus volteios e arabescos característicos. Como se traçasse os seus contornos não por meio das diversas imagens e comparações de que se utiliza no texto, mas sim pela própria forma ziguezagueante de escrevê-lo. (SUSSEKIND, 1987, p.14).

O crítico Wilson Martins também fez algumas notas em sua obra *História da inteligência brasileira* de 1977 sobre a obra.

Referência especial merece o “romance humorístico” *A família Agulha*, “uma das histórias para gente alegre”, publicadas nesse ano [1870], por *Luís Guimarães Junior*, na Casa Garnier. [...] é um dos nossos livros mais injustamente esquecidos. (Apud, TINHORÃO, 1997, p.156)

A edição da obra onde Sússekind fez a introdução, aliás, a última edição do livro que se tem conhecimento, foi feita pela *Coleção Resgate* que pretende

recuperar a publicação de obras esgotadas, inéditas ou raras, de fundamental importância para o conhecimento da cultura brasileira.

Com a reedição de *A família Agulha*, folhetim humorístico de Luís Guimarães Junior (1854-1898), impresso originalmente nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* nos primeiros meses do ano de 1870, tem-se a oportunidade de examinar uma outra vertente na obra do escritor, mais conhecido pelos seus *Sonetos e rimas* do que pela produção folhetinense publicada regularmente no "*Diário do Viném*", e, ainda, de entrar em contato com um dos mais curiosos enlaces entre a prosa de ficção e o cômico a que se assiste na literatura brasileira. (Coleção Resgate, contracapa, 1987).

O autor também recebeu uma ótima recepção no exterior, principalmente em Portugal, onde o mesmo foi colaborador em alguns jornais, como *Ribaltas e Gambiarras*, *Jornal do Domingo*, ambos de Lisboa. A citação abaixo foi encontrada no livro<sup>6</sup> de Iracema Vilela, filha do autor. Aqui não vemos referência à recepção de *A família Agulha*, mas sim do autor que, uma vez tendo a sua chegada à Europa como uma notícia importante a ponto de ser publicada em um jornal – *Jornal de Coimbra* – nos faz refletir que as suas obras teriam sim relevante circulação.

*Poetas do amor.* – Luís Guimarães, o primoroso autor do livro – *Curvas e Zig-Zags* – tem publicado nalguns jornais da capital uma série de folhetins sob o título de – *Poetas do amor.* [...] O murmúrio das florestas da sua pátria parece ter-lhe emprestado aquela suavidade da sua prosa, e a natureza esplêndida e luxuriosa do Brasil as cores das suas imagens. O ilustre folhetinista do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro visita a Europa. (*Jornal de Coimbra*, 12 de março de 1874).

Iracema Vilela tem um compilado de notas e citações sobre seu

pai gigantesco, onde sua grande maioria são comentários e críticas positivas ao autor, mas vale pontuar que poucas falam sobre *A família Agulha*, inclusive, alguns citam a obra apenas como outra forma de introduzir o autor. Dentre elas,

Prende-me entranhável afeto a esse rapaz, em cuja fisionomia está indelevelmente escrito o seu magnífico talento. Da moderna geração dos escritores brasileiros é esse o que tem mais funda e radicada na alma a seiva da poesia. [...] Às vezes, por devaneio, gizava uma sátira, uma coisa humorística, um paradoxo, uma fantasia; e saía-lhe sempre terna, maviosa, e cheia de espírito e graça, mas igualmente de ternura e de paixão, como o belo romance de costumes brasileiros, publicados em folhetins rápidos no *Diário do Rio de Janeiro*, no tempo em que eu lá estive, intitulado: *A família Agulha.* [...] (FONSECA, *Diário Ilustrado*, 1874)

A partir destas e de outras citações que aqui serão impossíveis de serem acrescentadas por serem inúmeras, pode-se notar que a recepção que o autor recebeu foi, no geral, muito positiva, porém cheia de oscilações. Muitos críticos no Brasil, como Sílvio Romero, avaliaram Guimarães Junior por fases, associando a vivência do autor na sua pátria natal como alguém que era mais sincero nas escritas e sua vivência no exterior como um autor mais superficial, com obras sem muita reflexão.

No exterior também se encontram outros tipos de oscilações, onde alguns intelectuais julgam as obras de Guimarães como secundárias pelo fato de serem escritas em português e não em uma língua de aparente superioridade à nossa – a francesa e a inglesa. Por outro lado, a forma elegante da escrita agradou tanto que para alguns pouco importava em que língua estava.

<sup>6</sup> *Luiz Guimarães Junior – Ensaio biobibliográfico*, de Iracema Vilela.

A conversação de Luiz Guimarães é encantadora de frescura e de originalidade. A sua linguagem é colorida, pitoresca adoçada pela pronúncia nativa. Tem a ingenuidade de gostar dos seus versos – o que é um duplo bom gosto nêstes tempos de hipócrita modéstia [...] (*Diário da Manhã*, Lisboa, 1881)<sup>7</sup>

## Considerações finais

Hobsbawm (1998, p. 22) afirma que “o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”, portanto, tem-se a consciência que estas obras, direta ou indiretamente, construíram memórias, descreveram culturas, sociedades, desenvolvimento de classes e grupos, desfechos da política e da economia; inovaram narrativas, criaram discursos, fizeram parte da construção da nossa identidade de tal forma, que se torna impossível não utiliza-las como fonte.

*A família Agulha* é uma dessas obras que ficaram perdidas no tempo, mas que merecem reviver tanto pela sua importância histórica, quanto pela sua peculiaridade, uma vez que o comum eram folhetins simples, para divertimento por parte dos leitores, porém *A família Agulha* foi muito além disso, ela trouxe indagações e reflexões políticas, culturais e sociais que dificilmente eram encontradas neste gênero e, portanto merece o devido destaque.

## Referências

- ABREU, Márcia. **Trajetórias do romance, circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: FAPESP, 2008.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.
- HOBSBAWM, Eric J. **Sobre história**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HANSEN, Patrícia Santos; GOMES, Ângela de Castro. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.
- JAUSS, Robert Hans. **A história da literatura como provocação a teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- JUNIOR, Luís Guimarães. **Contos sem pretensão**. Notas de Carlos Alberto Iannone. São Paulo: Editora Três, 1974.
- \_\_\_\_\_. **A família Agulha**. Organização, introdução e notas Flora Sussekind. 2.ed. – Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1987.
- SALVIATO, Anna Viana. A família Agulha: romance alinhavado por um narrador afiado. IN: **Revista de literatura em meio digital**. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 21, 2014. ISSN: 1806-2555.
- LUCA, Tânia Regina de. **Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 4º volume, RJ, J. Olympio; Brasília, INL/MEC, 1980, P. 696.
- SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TINHORÃO, José Ramos. **A música popular no romance brasileiro: séculos XVIII e XIX**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2000.
- VILELA, Iracema Guimarães. **Luiz Guimarães Junior – ensaio biobibliográfico**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1934.

---

<sup>7</sup> A nota se encontra no livro de Iracema Vilela, *Luiz Guimarães Junior – Ensaio biobibliográfico* e não tem identificação de quem a teria dito.